



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

QUANDO PISEI NOS DEGRAUS DAQUELA ESCADA, O SENTIMENTO ERA DE ALÍVIO E APREENSÃO.

MAIS DE MIL E OITOCENTOS VOOS HAVIAM SIDO CANCELADOS E O NOSSO PODERIA SER MAIS UM, OUTRA VEZ.

TUDO COMEÇOU NA TERÇA-FEIRA, DIA 11 DE JUNHO, QUANDO DEIXAMOS NOSSO CONFORTÁVEL TRIPLEX, NA RUE DE BUCI, EM SAINT-GERMAIN, RUMO AO AEROPORTO CHARLES DE GAULLE.

OS JORNAIS JÁ ANUNCIAVAM A POSSÍVEL GREVE DOS CONTROLADORES DE VOO, MAS A TAM NÃO HAVIA SINALIZADO A POSSIBILIDADE DE CANCELAMENTO.



TAM PARIS/RIO, A SAGA Quando pisei nos degraus daquela escada, o sentimento era de alívio e apreensão. Afinal, aquela era a segunda vez, em 24 horas, que voltava ao lounge da Star Alliance. Não tínhamos certeza do embarque e, mais uma vez, os painéis de controle de decolagem estavam vermelhos de cancelamentos. Mais de mil e oitocentos voos haviam sido cancelados e o nosso poderia ser mais um, outra vez.

SETE MALAS Tudo começou na terça-feira, dia 11 de junho, quando deixamos nosso confortável triplex, na Rue de Bucy, em Saint-Germain, rumo ao aeroporto Charles de Gaulle. Os jornais já anunciavam a possível greve dos controladores de voo, mas a TAM não havia sinalizado a possibilidade de cancelamento. Eram seis horas da tarde quando o carro chegou para nos buscar. Dentro, instalamos nossas sete malas – duas grandes, duas médias, duas pequenas e mais uma Longchamp, com os pertences da filha de uma amiga que deixava Paris, rumo à Grécia, onde passaria o verão. Ela havia nos incumbido de ajudá-la a transportar algumas peças do seu guarda-roupa para o Brasil.

LE CHORISTE Nosso trajeto até o aeroporto durou uma hora, tempo que passou tranquilo dentro do confortável BMW climatizado, onde escutávamos o belíssimo coral infantil do filme *A Voz do Coração* (*Le Choriste*, França, 2004). Lá fora, como em todas as capitais do mundo, o trânsito pesado nos fazia deslocar lentamente rumo ao nosso destino.

MÚSICO E MOTORISTA Henrique, nosso gentilíssimo motorista, é um paulista que foi para Paris estudar música, casou-se com uma francesa e, para aumentar o orçamento, decidiu trabalhar para a empresa de turismo Duga. Não foi por acaso que os autôfalantes do nosso carro entoavam os excepcionais acordes da trilha de *Le Choriste*. Também não foi acaso que Henrique nos acompanhou até o embarque da TAM e, com seu sorriso leve e delicado, nos ajudou a colocar as sete malas na esteira. É aí que a gente constata que educação, realmente, vem de berço e cultura também.

NÃO ACREDITO! Check-in feito, malas despachadas, cartão de embarque nas mãos, rumamos para o lounge da Star Alliance. Quando nos servíamos de um lanchinho, D. Wilma esboçou um amplo sorriso e disse: não acredito! Pois é, Mara, Gilberto, Marcelo e Isadorinha adentravam a sala, vindos de Veneza. Uma deliciosa coincidência que tornou os próximos capítulos desta história mais palatável.

TREM DE ATERRISSAGEM Nosso voo estava programado para decolar às 21:50 rumo ao Rio de Janeiro. Eram 21:15 quando seguimos para a sala de embarque. Para nossa surpresa, o embarque dos passageiros do voo TAM, das 22:10, para São Paulo, começou antes do nosso. Imediatamente, fomos todos ao guichê da companhia apurar a situação. Informaram-nos que nosso avião tinha apresentado um problema no trem de aterrissagem e que o embarque iria atrasar. Perguntamos se teríamos problemas com os controladores de voo e a resposta foi não.

CONTROLADORES DE VOO Devidamente instruídos, fomos todos para o bar da sala de embarque onde encontramos o divertido casal de parentes da Mara, Decat e Jane. Naquele momento, éramos oito amigos dispostos a esperar com serenidade o atraso que estava por vir. Entre “causos” de Minas Gerais e histórias familiares, as horas foram passando. Era meia-noite e meia quando vimos o avião de São Paulo deixar o finger. Um atraso de mais de duas horas que atribuímos aos controladores de voo que estavam trabalhando com 70% do staff.

ATRAVÉS DOS VIDROS Às três horas da manhã, nosso avião ainda estava cercado de técnicos, máquinas e corre-corre, cenas que assistíamos atentamente através dos vidros que davam para o pátio. As quatro horas bateu uma impaciência nos passageiros e uma mocinha mais afoita resolveu criar uma comunidade de protesto no Facebook. Ela não teve quorum e ficou aborrecida na sua solidão.

EURODISNEY? Logo em seguida, nos informaram que o avião estava pronto aguardando a vinda do comandante e seu staff. Assistimos, entre aplausos e algumas tímidas vaias, o cortejo imponente passar pelo saguão. Agora sim, pensamos, nosso voo vai decolar. Doce ilusão! Eram 6:00 horas quando fomos informados de que o avião não iria decolar e que nós iríamos para um hotel na Eurodisney. O pior de tudo foi a segunda notícia. Teríamos que pegar nossas malas e colocá-las nos ônibus.

O ÔNIBUS Exaustos e aborrecidos, após uma espera de oito horas, atravessamos o Charles de Gaulle para recolher a bagagem. A essa altura, não tinha atendimento especial nem para os passageiros da classe executiva e nem para a primeira classe. A partir daí, era cada um por si. A ordem era chegar ao portão 24 do desembarque e esperar os ônibus. Lá fora, o frio da madrugada incomodava os olhos, os ouvidos e arrepiava corpos e espíritos.

ENGOLIR O CROISSANT Quando conseguimos chegar ao ponto, dois ônibus já estavam lotados. O terceiro chegou às oito horas e também lotou rapidamente. O quarto e último chegou às 9:00 horas, exatamente no momento em que atônitos e famintos, havíamos conseguido sentar num café. Foi a conta de engolir o croissant e o suco de laranja e jogar fora o café, porque o ônibus não podia esperar.

BAGAGEIRO Corremos com os carrinhos para o “bus” e começamos a despejar as malas no bagageiro. A essa altura, fiz as contas, era a terceira vez que tirávamos e colocávamos as malas em algum lugar – de casa para o carro, do carro para o check-in, do desembarque para o ônibus... (continua na próxima semana).